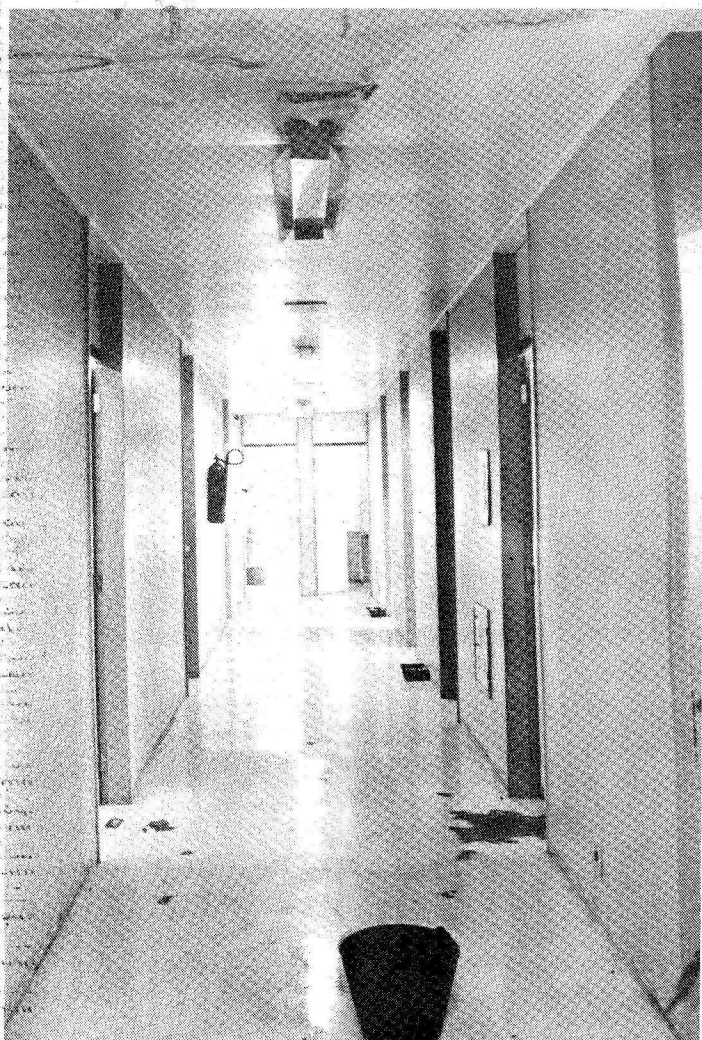


# CENTROS DE SAÚDE



A falta de manutenção é constante nos centros

## Situação é precária e os buracos invadem

A situação dos postos de saúde é deplorável. Em alguns deles até o acesso à unidade é difícil, devido à enorme quantidade de buracos e poças de lama a seu redor. Lá dentro, a situação não é melhor: chão com pisos gastos e muitas vezes sujos, tetos completamente estragados, com gotas caindo por todos os lados e paredes sujas, necessitando urgentemente de pintura. Nos guichês de recepção, fora do horário de marcação de consultas, raramente pode ser encontrado algum funcionário para prestar informações.

Os centros têm uma demanda muito maior do que sua capacidade. Mesmo assim, funcionam "em horário comercial": abrem às 8h — em alguns casos às 7h —, às 11h30 já não se encontra mais ninguém para prestar atendimento, só voltando a funcionar às 13h, fechando no-

vamente às 17h. Isto oficialmente, porque a rigor pouco antes das 4h, na maioria dos centros o atendimento já é quase zero.

Nas paredes, muitos cartazes. Entre eles, podemos encontrar constantemente avisos do tipo: "Número de vagas para o dia 04/05 — pediatria: 0", ou "em virtude do número de pediatras estamos atendendo prioritariamente crianças de 0 a 1 ano. Casos urgentes de crianças maiores de 1 ano, favor procurar enfermaria". Estes avisos estavam afixados na porta do Centro de Saúde nº 3, de Taguatinga, onde, às 11h30, o expediente já estava encerrado para almoço. A constante ausência de diretores nos centros de saúde chamou a atenção porque em mais de 15 postos visitados não se encontrou mais de dois dirigentes.

## Maior queixa é com falta de pessoal

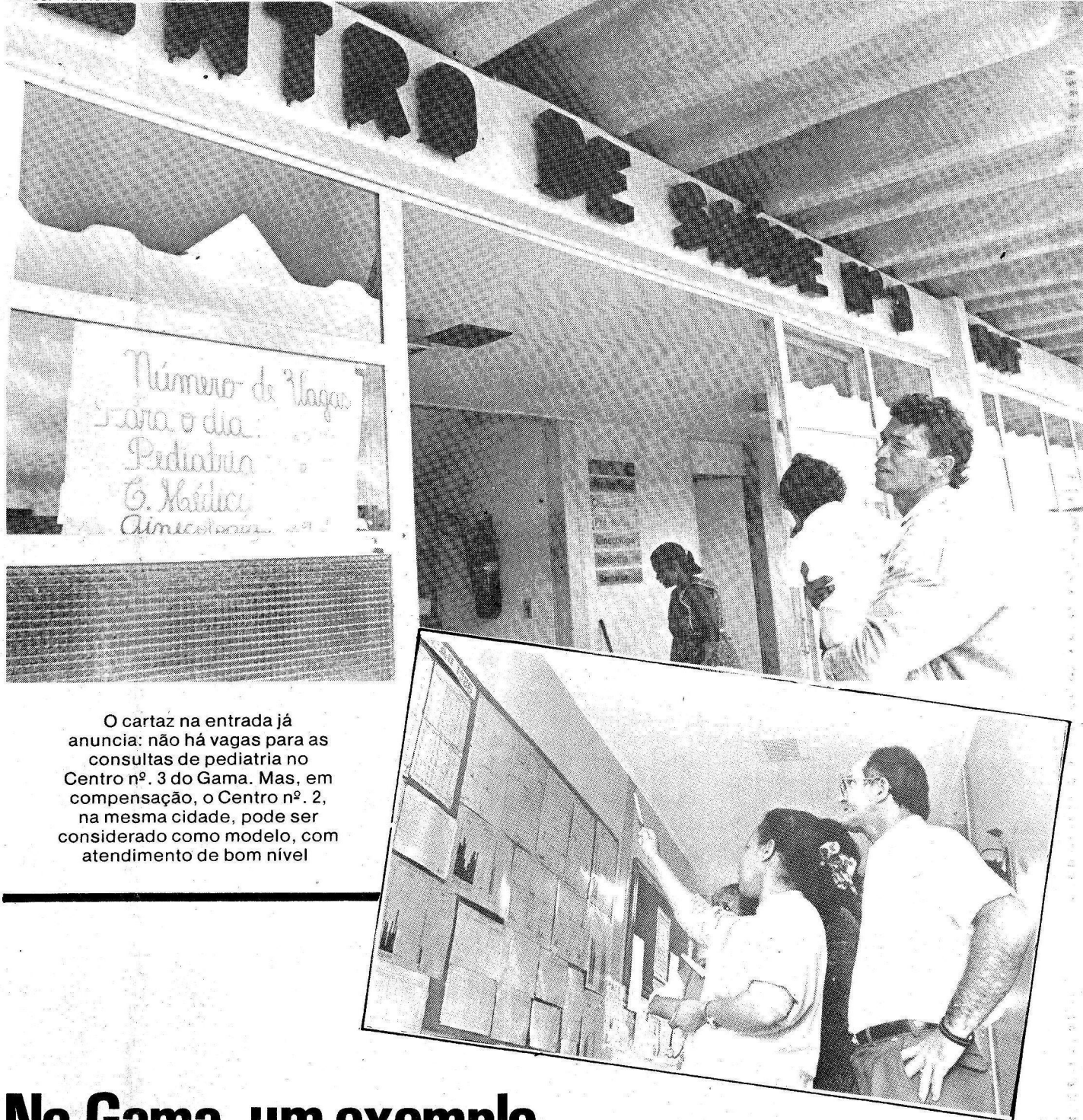
Os poucos diretores de centros de saúde que puderam ser encontrados em seus locais de trabalho têm uma reclamação em comum: falta material humano, o que dificulta em muito o trabalho. Em todos os centros há falta de médicos, enfermeiros, auxiliares, técnicos ou mesmo agentes administrativos. Alguns reclamam também da falta de preparação técnica destes profissionais e chegam a admitir que as unidades funcionam "aos trancos e barrancos".

No Centro de Saúde nº 3, de Ceilândia, o chefe da administração, José Chateaubriand Moreira, disse que em sua unidade não faltam medicamentos ou equipamentos. Para explicar o fato de as pessoas terem que enfrentar filas desde a madrugada, falou: "Eles vêm porque querem. O centro só abre às oito horas. Se todos combinarem que vão chegar às 8h, o problema está resolvido", comentou. No entanto, admitiu que a marcação de consultas funciona por marcação de fichas e que cada médico só dá 12 consultas por dia.

No Centro de Saúde nº 5, da Ceilândia, onde até as filas para entrega de material de exames eram grandes, funcionários e dirigentes acham que falta estrutura nos centros de saúde. "O serviço dos agentes de saúde, por exemplo, não pode ser eficiente porque eles não têm nem mesmo uma bicicleta para se locomoverem até as casas das pessoas", comentou um dos funcionários. Ali, apenas a odontologia está com seu quadro completo. Mesmo assim — como garantiram — o pronto-atendimento é feito quando necessário. "Só que é muito raro uma pessoa vir aqui necessitando destes serviços. Geralmente eles procuram direto o pronto-socorro do hospital".

Alguns programas funcionam, mas em muitos casos reduzidos — não há como atender a demanda. E o caso por exemplo, do controle odontológico de grupos de adolescentes, onde são tratados apenas os jovens de treze anos, pois a procura é muito grande. No programa de hipertensos, há a falta constante de um remédio para pressão. "O que falta é um sistema de saúde organizado, bem estruturado, com técnicos bem preparados. Este treinamento já deveria ser feito nas próprias universidades, mas isto não ocorre. A intenção da secretaria é suprir ainda este ano estas deficiências.

FOTOS: FRANCISCO GUALBERTO



O cartaz na entrada já anuncia: não há vagas para as consultas de pediatria no Centro nº 3 do Gama. Mas, em compensação, o Centro nº 2, na mesma cidade, pode ser considerado como modelo, com atendimento de bom nível

## No Gama, um exemplo de bom atendimento

Se todos os centros de saúde com as atuais condições que enfrentam fizessem um trabalho semelhante ao do Centro de Saúde nº 2 do Gama, eles estariam prestando um atendimento pelo menos razoável à população. Com uma real integração da equipe, os profissionais desta unidade conseguiram diminuir em muito os problemas do centro. Este é um modelo para as demais unidades.

Há cerca de um ano, os profissionais do local decidiram, independente da Fundação Hospitalar, mudar a dinâmica de trabalho do local. O resultado é que hoje não há filas, o número de doenças diminuiu com a participação da comunidade nos programas de controle, os casos mais graves são atendidos na mesma hora e a comunidade já começa a acreditar no funcionamento do centro.

Para resolver o problema das filas, eles fizeram treinamentos com todos os funcionários, de tal forma que até mesmo o guarda do centro sabe dar informações sobre os programas que estão à disposição da comunidade. Auxiliares, supervisionados por um médico ou uma enfermeira examinam primeiramente a criança ou o adulto e encaminhando-os em seguida para a clínica necessária, se o atendimento for prioritário. Caso contrário, marca-se a consulta para outra data.

"Muitas vezes, o problema pode ser resolvido pelo próprio auxiliar, que já foi devidamente treinado. Além disso, não ocorre mais o fato de uma mulher marcar consulta com o ginecologista, ser atendida e só então

verificar-se que o que ela precisava era de um acompanhamento de pré-natal", contou a chefe de enfermagem substituta, Teresinha Maria de Jesus Gonçalves.

### SOLUÇÕES

A ideia é resolver todos os problemas possíveis nos centros, mandando para o hospital apenas os pacientes que precisam de um atendimento mais específico. "Todo paciente que chega aqui é atendido e hoje já estamos começando a mudar a mentalidade daquelas pessoas que só admitiam ser examinadas por um médico", comentou a pediatra Valéria Carvalho, acrescentando que ali os profis-



A pediatria no Centro nº 2: eficiência

## Reclamar é tão difícil quanto a fila

"Pobre gosta mesmo de sofrer". Se esta afirmação não é verdadeira, o que provavelmente não é, pelo menos pode-se concluir que de tão acostumados em não receber o tratamento que merecem, muitas das pessoas carentes do DF já vêem isto com naturalidade e acham que, por serem pobres, o Governo está fazendo um favor de prestar-lhes algum serviço de saúde — mesmo que de péssima qualidade —, esquecendo-se que este é um dever do Estado.

Com raras exceções, foi difícil para a reportagem do CORREIO BRAZILIENSE fazer as pessoas falarem das falhas no funcionamento dos postos de saúde. Muitas delas, aparentemente com medo de falar e perder o pouco que ainda lhe resta, negavam-se a dar declarações. Outras, quando questionadas, limitavam-se a responder: acho que o tratamento aqui é muito bom. No entanto, quando a repórter perguntava a que horas tinha que chegar para conseguir marcar consulta, a resposta era invariavelmente de 3 a 4 horas da manhã.

Cleuza Francisca dos Santos é um destes pacientes que de início falou não ter reclamações. Quando disse a que horas chegava para marcar consulta, com seus dois filhos, um recém-nascido e outro de três anos, a repórter perguntou se achava isto bom: "Bom não é, mas todo mundo chega a esta hora, né? Outra que não tinha reclamações era Maria José Sá Ferreira, mas em seguida contou que seu marido e filho enfrentam filas desde 4h30 quando é preciso marcar consulta. "Eu não venho porque sou fraca e não agüento", disse.

"Aqui, o atendimento é péssimo. Quase todo mundo reclama. Uma vez, eu estava com consulta marcada e o médico começou a escolher os casos realmente urgentes porque faltava material — espátula e este tipo de coisa. Eles atendem a gente correndo, aqui tudo é sujo e às vezes não tem nem remédio. Eu só venho aqui mesmo porque não tenho para onde correr, mas quando e alguma coisa urgente eu vou mes-

sionais procuram trabalhar em cima da atenção primária.

O problema é que nós não contamos com o apoio de outros órgãos. O que adiante falar de saneamento básico se a Caesb não vai lá colocar esgoto na casa, ou aconselhar a uma mãe só dar água fervida ou filtrada para o filho se na escola não tem filtro? Nos programas, nós procuramos dar o enfoque político porque achamos que é necessário o povo conscientizar-se de seus direitos.

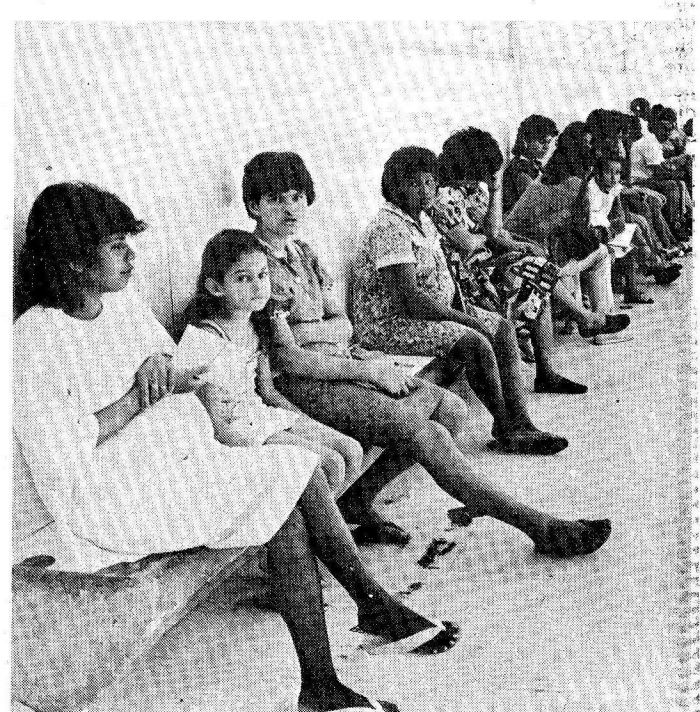
### ATENDIMENTO

As palestras neste centro são constantes e há uma infinidade de programas que funcionam bem. Para atender à população desta forma, tiveram que fazer algumas mudanças nas instalações dos centros, para facilitar o atendimento. Há também um quadro de avaliação, onde controlam a incidência de doenças,

faixas etárias das pessoas atendidas, pessoas que frequentam os programas de acompanhamento, entre outras coisas. Tudo é tão organizado que fica mais fácil trabalhar.

### FALTA APOIO

O diretor substituto do centro, ginecologista José Barbosa Guerra, contou que as coisas só funcionam melhor porque não contam com o apoio da Fundação Hospitalar. "Nós, há pouco, recebemos comunicado de que complementação a nossos programas de planejamento familiar, como uma laqueadura por exemplo que tem que ser feita no hospital, não está ocorrendo. Outras vezes é um exame que não está sendo feito e nós não podemos pedi-lo". Outros problemas são quanto à manutenção do prédio, que não é feita, resultando em pisos quebrados e tetos furados.



Fila para pediatria no Gama: atendimento racional

mo é para o pronto-socorro do hospital".

### SEM VISITA

Assim como Janete, muitas pessoas procuram diretamente o hospital no caso de uma febre alta ou um pequeno corte. E o caso, por exemplo, de Francisca de Jesus Lima, que está no nono mês de gravidez, fazendo seu pré-natal no centro de saúde perto de sua casa: "Eu me trato aqui porque o médico remarca a consulta, mas

quando tem algum acidente em casa eu vou direto para o hospital", contou.

Os agentes de saúde, que deveriam ser responsáveis pelo acompanhamento das famílias, são completamente desconhecidos pela maioria dos pacientes. É raro encontrar alguém que já foi visitado por um deles, como é o caso de Cleuza Francisca dos Santos, mãe de dois filhos: "Quando eu ganho nenê, ele me visita", comentou.



Enormes poças d'água dificultam até o acesso ao Centro nº 3, no Gama

## População madruga por uma consulta

Luciene, Cipriana, Minervina, Cleuza, Francisca e Janete são apenas algumas das muitas mulheres que ainda não desistiram de se consultar nos centros de saúde da Fundação Hospitalar. Mesmo que, para isso, elas ou seus familiares tenham que acordar às 3h da madrugada para enfrentar longas filas, na esperança de conseguir uma das poucas fichas de atendimento que começam a ser distribuídas às 7 ou 8h. Isso, se tiverem sorte e houver algum médico da especialidade que precisam consultar trabalhando naquele dia.

— Eu só queria que a gente pudesse marcar consulta de um jeito mais fácil. Este meu menino aqui (apontou o filho, Thomas Jefferson, de três anos) tem mais de seis meses que o médico não vê porque eu não consigo pegar ficha para marcar. Eu estou sendo atendida porque estou em tratamento e o médico remarcou a consulta mas, quando tenho que

marcar, eu chego às 5h. E, muitas vezes, quando chega a minha vez eles dizem que não há médicos — reclamou a dona-de-casa Minervina da Silva Firme, que esperava para ser atendida no Centro de Saúde nº 3, de Ceilândia Sul.

### OCULOS

Cipriana Santos Silva é uma velhinha simpática que, entre outros problemas, queixa-se de não enxergar direito. Há pouco tempo, "uma doutora muito boazinha me levou para a clínica dela lá na Asa Norte para raspar o meu olho porque eu não estava enxergando nada". Agora, dona Cipriana está melhor, mas ainda reclama de que precisa usar óculos. No entanto, como garantiu, ninguém até agora a encaminhara para um especialista. "Será que você pode arrumar um óculos para mim?", perguntou à repórter.

No Centro de Saúde nº 3 do Gama, a paciente Janete Barbosa Lima, mãe de três filhos, fez questão de fazer suas reclamações:



O centro do Setor P Norte: sujeira no corredor